

Patricia Morais

# Crónicas de Shaolin

**coolbooks**



## Capítulo I

# Perdida na China

Luzes, trânsito, poluição e arranha-céus – são essas as primeiras impressões que tenho de Pequim. A capital da China pode parecer-se em muitos pontos com qualquer outra metrópole, qualquer cidade ocidental, mas depois existem pequenas coisas que me lembram o quão longe estou de casa. E aquele pensamento que me passava pela cabeça cada vez que alguém se referia ao provável choque cultural – aquele que refutava a ideia de imediato, com um *Eu já vi uma Chinatown em todos os países que visitei. Será assim tão diferente?* – de repente parece ingênuo.

A resposta, como é óbvio, é: é mesmo muito diferente, e não importa a quantidade de filmes do Jackie Chan que já vi ou o número de «lojas do chinês» que temos em Portugal. Não estava preparada para o que ia encontrar.

O primeiro obstáculo que encontro é a língua, uma vez que as pessoas não falam tão bem inglês como os sites de viagens e turismo fazem crer.

No meu primeiro dia, depois de perder uma batalha contra o *jetlag* e acabar por me levantar tarde, passeio pelo Zoológico de Pequim, para conhecer finalmente o meu animal preferido, o panda gigante. Para tal, entro na estação mais próxima do meu hostel.

Andar de metro em Pequim é relativamente fácil, porque todas as estações têm a tradução em *pinyin* – a fonética do mandarim em letras romanizadas que ensina pessoas como nós a ler chinês. Só precisava de procurar a estação «Beijing's Zoo». E eu sinto-me tão orgulhosa por ter sido inteligente e ter descarregado a aplicação *Beijing Subway* para me orientar nas linhas de metro.

*Assim é fácil, certo?*

A única coisa com que eu não conto são as saídas. A maioria das estações tem quatro ou mais saídas, e graças à minha preguiça em pesquisar afincadamente os países que visito, não tinha consciência da importância de tomar nota da saída para o meu hostel.

Quando regresso escolho uma saída aleatória, e só me apercebo de que estou perdida depois de caminhar alguns minutos sem encontrar o meu hostel. Ainda a pensar que sou superinteligente, volto à a estação de metro, desço as escadas e saio por outro caminho.

*Mas não consigo encontrar o meu hostel!*

Tento ler desesperadamente os mapas na rua, na tentativa de entender os caracteres chineses, que me parecem... bem... chinês.

Tento pedir direções, mas ninguém fala inglês. Tento mostrar-lhes o endereço escrito em chinês – a única coisa que me salva desta confusão –, mas a linguagem gestual com que os locais comunicam faz-me andar para a frente e para trás na mesma rua várias vezes.

Finalmente, começo a mandar parar táxis, mas um atrás do outro recusam-se a levar-me, e não sei se é porque não conhecem o lugar ou não me querem levar. À quarta tentativa, entro no carro e recuso-me a sair até que ele me leve ao meu destino.

Nesse momento sei que cheguei ao desespero.

Ele grita comigo em mandarim e eu grito em inglês. Andava perdida há uma hora e a rua agora estava escura, pelo que precisava de encontrar o caminho de volta.

Apesar dos protestos do meu motorista, e depois de atravessar um beco tão estreito que quase tinha a certeza de que o carro sairia riscado, vejo finalmente o meu hostel.

*Estou salva!*

Encontro o meu segundo desafio quando tento comprar um bilhete para Yantai, a cidade onde fica a academia, uma tarefa que também não se mostra fácil. Faço a minha pesquisa e descubro que as grandes estações de Pequim e Xangai têm bilheteiras

onde os funcionários falam inglês; o grande problema é encontrá-las. Infelizmente, não existem placares a dizer: «Bilheteiras para estrangeiros por aqui, por favor.» Passo 15 minutos de bilheteira em bilheteira a perguntar: «*English? English tickets?*», até encontrar alguém que me entenda.

Não posso dizer que não estou feliz por saber que em breve irei para um sítio com tradutores.

As ruas em Pequim cheiram mal e os sem-abrigo não são bem como os da Europa; são pessoas com deficiências e doenças e todos parecem fechar os olhos ao passar por estes desafortunados. A população é imensa e as ruas estão povoadas de turbas que poucas maneiras têm no que toca a empurrar e a pedir licença ou desculpa. E depois existem os olhares, daqueles que se apercebem de que não és dali e te encaram com uma curiosidade extrema, sem se preocuparem em desviar o olhar quando são apanhados. Alguns transeuntes mais atrevidos até pedem fotografias, com um sorriso encantador que me impede de recusar.

No meu hostel, um rapaz chinês convida-me para almoçar com ele, só para poder ter a oportunidade de praticar o seu inglês, e delicia-se com a minha inabilidade para comer com pauzinhos. Depois de caminhar sozinha por um parque, fico chocada com o convite brusco que recebo de outro chinês para acompanhá-lo até casa depois de conversar com ele durante dois minutos. Recuso educadamente e tento sair do parque o mais rápido possível. Sei que os chineses esperam que as ocidentais sejam mais promíscuas, mas tanta ousadia ainda me choca! Mais tarde, uma rapariga chinesa grita quando entro no quarto do hostel, pede-me para tirar uma fotografia com ela, e oferece-me um bolo e um pacote de bolachas da sua terra natal.

Eles não são os únicos atingidos pela curiosidade, claro. Durante um passeio por um dos templos de Pequim, observo um grupo mais velho a jogar *jianzi*, um jogo de duas pessoas ou mais com uma pequena pena semelhante à de badmínton, mas jogado com os pés. Quando um dos jogadores se apercebe de que os observo, sorri e diz:

– *Ni hao!*

– *Ni hao* – repito, também a sorrir.

Não posso terminar a minha excursão a Pequim sem ir à Muralha da China, e apesar de na minha viagem pela América do Sul ter feito tudo com o mais pequeno dos orçamentos, a minha dificuldade em comunicar com os chineses leva-me a marcar uma visita guiada, em vez de me aventurar sozinha nos transportes públicos. Na excursão conheço uns espanhóis, com quem pratico o meu espanhol já enferrujado, que se admiram com os meus planos de estadia na China.

Digo adeus a Pequim ao jantar, na minha última noite na capital, com um amigo de Londres, que agora dá aulas de inglês na China, e acordo cedo no dia seguinte para apanhar o comboio.

A viagem faz-se pela China rural mas, depois de passar várias vezes mais de 20 horas a viajar em autocarros sul-americanos, estas 5 horas até chegar a Yantai parecem voar. E não consigo deixar de pensar no quão longe chegara desde aquele momento em que me vira num pranto no meu pequeno quarto em Quito, Equador, devido à solidão avassaladora que sentia. Esse sentimento foi o que me impeliu a levantar, secar as lágrimas e pensar: *OK, estou farta. Preciso de fazer algo em relação a isto.* Foi nesse dia que digitei no meu motor de busca: «estudar artes marciais na China».

Agora, cinco meses mais tarde, chego à estação de comboios e tenho um dos tradutores à minha espera, com um cartaz no qual está escrito o meu nome.

*Ufa! A parte assustadora já passou, penso.*

---

<sup>1</sup> «Olá!» em mandarim.